

LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E VIOLÊNCIA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *A REVOLTA DOS FEIOS*, DE LUANA MORENA¹

CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE AND VIOLENCE: AN ANALYSIS OF THE NOVEL *A REVOLTA DOS FEIOS*, BY LUANA MORENA

Lizandro Carlos Calegari²

Jéssica Casarin³

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a obra *A revolta dos feios* (2018), de Luana Morena, em seu conteúdo e forma, para perceber os reflexos do sujeito fragmentado, exposto à violência na narrativa. Para isso, recorremos a autores como Ginzburg e Schollhammer, que versam sobre literatura contemporânea e brutalismo. O romance tem uma escrita fragmentada, com três focos narrativos, carregada de hibridismo, acelerada e brutal. Isso representa, em sua estética, a contemporaneidade, o trauma, e a perda da dignidade humana.

Palavras-chave: *A Revolta dos Feios*, Luana Morena, Literatura Contemporânea, Violência.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the novel *A revolta dos feios* (2018), by Luana Morena, in its content and form, to understand the reflections of violence and the fragmented subject. For this, authors such as Ginzburg and Schollhammer, who talk about contemporary literature and brutalism, are used. The novel has a fragmented writing, with three narrative focuses, hybridism, and is fast-paced and brutal. This represents, in its aesthetics, contemporaneity, trauma, and the loss of human dignity.

Keywords: *A Revolta dos Feios*; Luana Morena; Contemporary Literature; Violence.

Introdução

A literatura contemporânea é um objeto de discussão inesgotável, visto que novas obras e formas surgem a todo tempo, expondo perspectivas importantes por meio de recursos estéticos ou temáticos. Um traço importante dessa literatura, que se delinea

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutor em Letras, professora da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: jessica._casarin@hotmail.com

desde a década de 1960, é aquela definida por Alfredo Bosi (1985) como brutalismo, que lança um olhar sobre a criminalidade, a desigualdade social, a opressão, a degradação, e outras marcas de um contexto marcado por um processo de urbanização conturbado.

Essa literatura – marcada pela rudeza, pela captação direta dos fatos, pela visão crítica das relações sociais e pela preocupação em “revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana” (BOSI, 1970, p. 19) – traz enfoques que revelam a condição do sujeito contemporâneo que, exposto a traumas e inseguranças marcantes de seu tempo, encontra-se fragmentado, desestabilizado, aspectos que podem ser evidenciados também na construção estética dos textos.

Um exemplo de obra que pode ser discutida por esse viés da literatura contemporânea é a obra de Luana Morena, *A revolta dos feios* (2018), que apresenta, em uma ficção pungente, uma face bárbara e cruel da humanidade. A violência está presente como uma epidemia que se espalha em todos os contextos, e os personagens a utilizam não apenas para defesa e sobrevivência, mas também para vingança ou puro prazer e entretenimento. Mascarada pela narrativa ficcional está uma crítica à sociedade brasileira e a sua cultura, que tem uma face sádica, egoísta e carregada de valores deturpados.

Neste trabalho, então, buscamos analisar a obra *A revolta dos feios* (2018), de Luana Morena, em seu conteúdo e forma, para perceber os reflexos do sujeito fragmentado e exposto a crueldades na narrativa. Para isso, buscamos abordar, inicialmente, o conceito de violência e sua relação com a literatura contemporânea. Após, partimos para a análise do romance, que evidencia a importância de discutir novas narrativas da contemporaneidade como uma maneira de entendermos o período em que vivemos.

A violência na Literatura Brasileira Contemporânea

Em uma contemporaneidade em que os limites da condição humana são violados, pessoas são expostas a diferentes formas de violação e degradação, compreender o conceito de violência pode ser desafiador. Yves Michaud (1989), em obra que introduz e discute a ideia do termo, identifica, inicialmente, dois aspectos evidentes: o primeiro se refere a um elemento de força física identificável com seus

efeitos e marcas, e o segundo, mais imaterial, no sentido de transgressão, que se vincula ao dano de certa ordem normativa.

Para além do dano físico e moral, no decorrer de sua análise, o crítico busca formular uma definição que evidencie todas as faces possíveis de uma situação de violência, que vão além da percepção de um dano físico ou moral. Assim, afirma que

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAULD, 1989, p. 10-11).

Dessa forma, no conceito elaborado acima, há a inclusão não só de múltiplos atores, como também de máquinas administrativas, judiciárias e jogos de poder que diluem a responsabilidade e multiplicam os participantes. A inclusão de ações associadas a traumas que perpassam gerações e a distribuição temporal também são fatores levados em consideração, apontando para a existência de processos que perduram, através de proibições, descaso e perseguição. O conceito também inclui a violação de posses e participações simbólicas e culturais, o que garante atenção, ainda, aos bens materiais e imateriais associados a alguém ou a determinados grupos definidos como uma forma de identificação cultural.

Embora tal conceito seja uma tentativa de definição para fins de compreensão, Michaud (1989) considera que a violência sempre pressupõe uma série de contornos normativos e atinge, em sua expressão máxima, o desregramento absoluto e a imprevisibilidade. É justamente por estar ligada a uma transgressão de regras que pode estar carregada de valores positivos ou negativos, servindo como forma de denúncia ou agitação e promovendo uma ruptura nas regras morais de uma sociedade. Um exemplo que frequentemente vemos na sociedade brasileira é o protesto, que não raro culmina na destruição de patrimônios públicos ou privados como uma forma de chamar atenção para as pautas discutidas na manifestação ou uma maneira agressiva de incitar a desordem. O limite entre uma transgressão deliberada e o caos é tênue e nem sempre reversível, como será exposto na narrativa de Morena (2018).

É por transgressão de limites sociais e humanos que hoje vivemos em um cenário caótico de instabilidade e insegurança no Brasil, que acomete todas as classes e

grupos populacionais em diferentes níveis. A política de combate à violência com mais violência submete a sociedade a cenas de terror que geram traumas e modificam de maneira permanente a perspectiva sobre a vida. Como salienta Jaime Ginzburg (1999),

entre a violência da criminalidade, associada à desigualdade social, e a violência institucional, exercitada pelo poder público, a população brasileira acompanhou o processo de modernização do país com incerteza e ansiedade, sendo submetida a várias formas de manipulação ideológica, em nome do bem e da ordem social (GINZBURG, 1999, p. 124).

Essa perspectiva se desenvolve a partir de processos de urbanização e modernização do Brasil, que promoveram alterações nas práticas capitalistas, no desenvolvimento das cidades e indústrias. Se de um lado isso trouxe uma série de benefícios aproveitados pelas elites, herdeiras da exploração colonial, que despontam economicamente, do outro lado há a manutenção das desigualdades sociais de forma que o indivíduo se vê em uma posição de fragilidade diante das práticas autoritárias do Estado.

São mazelas de um país que sofre não apenas pelas transformações sociais, tecnológicas e de compreensão do mundo, mas também pelas opressões que enfrenta por diferentes instituições e poderes. É nesse cenário que a literatura contemporânea encontra um campo fértil, podendo evidenciar as dores do homem em meio a um mundo de dor e de exclusão, carregada de incertezas e de aflições da sociedade, em um total desregramento que se relaciona à ideia de caos social. Leenhart (1990) destaca que

Aos discursos ficcionais, cabe finalmente a amarga tarefa de situar a violência, de colocá-la no interior de um quadro vivo, de conferir-lhe o peso da experiência através da sua representação. Somente ali ela pode produzir seus efeitos necessários: os efeitos da tomada de posição (LEENHART, 1990, p. 15).

A literatura se configura, nesse sentido, como um lugar para tudo que não pode ser assimilado ou admitido pela sociedade. Através da sensibilização do leitor, as narrativas tornam-se importantes caminhos para promover reflexões e debates sobre os problemas da contemporaneidade. Mais ainda, através de discursos de personagens ou determinados focos narrativos, é possível contribuir para o posicionamento do leitor.

Karl Erik Schollhamer (2013), ao expor sobre a importância de narrar a violência, traz à discussão um viés semelhante, destacando que essa face da literatura contemporânea, ao traduzir dores e choques em palavras e imagens mentais com a liberdade da ficção, propõe diálogos e discursos inesgotáveis. Para o autor,

Narrar a violência ou expressá-la em palavras e imagens são maneiras de lidar com ela, de criar formas de proteção ou de digestão de suas consequências, dialogando com ela mesmo sem a pretensão de explicá-la ou de esgotar sua compreensão. Há algo na violência que não se deixa articular explicitamente, um cerne que escapa e que nos discursos oficiais da justiça, da criminologia, da sociologia, da psiquiatria e do jornalismo nunca é vislumbrado. Na literatura e nas artes o alvo principal é esse elemento enigmático e fugidio. (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 7, 8).

É justamente por não ter a necessidade de limites ou certezas do factual que a literatura é um campo fértil para estranhamentos, problematizações e denúncias, especialmente de temas que ainda são pouco discutidos na sociedade brasileira, como ocorre na narrativa de *A revolta dos feios* (2018). O romance expõe, de maneira inquietante, discussões sobre a crueldade humana, a manutenção de padrões estéticos, vingança e manipulação das massas, aspectos que serão analisados adiante.

Schollhammer (2009) tece importantes reflexões acerca da literatura contemporânea, salientando que o texto literário pode ser um espaço de manifestação e até apreensão de uma realidade, de difícil digestão. De acordo com o crítico, os escritores da contemporaneidade, encontram na “literatura um caminho para se relacionar e interagir com o mundo nessa temporalidade de difícil captura” (2009, p. 11). Iniciada por volta da década de 1960 e 1970, a literatura brasileira contemporânea reflete em uma de suas abordagens a preocupação social, na medida em que expressa reflexos de uma sociedade exposta a diferentes formas de hostilidade em suas narrativas e textos em prosa.

Uma das tendências que o crítico apresenta é um novo realismo, que reinventa as formas do realismo literário ao lidar com os problemas do país, expondo questões vulneráveis do crime, brutalidade, miséria e corrupção. Além disso, outra inovação literária, iniciada após o fim da Ditadura Militar com o processo de retorno à democracia e abertura política, foi o brutalismo. Essa tendência se caracterizava tematicamente pelas

descrições e recriações da violência social entre bandidos, prostitutas, policiais corruptos e mendigos. Seu universo preferencial era o da realidade marginal, por onde perambulava o delinquente da grande cidade, mas também revelava a dimensão mais sombria e cínica da alta sociedade (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 27).

Essa abordagem está presente no romance de Morena (2018), que, apesar de não ter um único núcleo narrativo, traz ao centro da revolução um sujeito marginal, excluído da sociedade, em meio a esquemas de corrupção, roubo, prostituição. Com uma narração acelerada e cenas de extrema barbárie, o texto expõe diferentes formas de marginalização e abuso de poder, desvelando críticas aos radicalismos.

Cabe salientar a existência de um outro tipo de obra que expõe violência na contemporaneidade, que evidencia uma tentativa de tornar cenas de horror, um espetáculo. Isso comumente ocorre em narrativas cinematográficas com fins comerciais, que, seguindo a perspectiva do herói justiceiro, incita o espectador a defender a agressividade como uma forma legítima de combate à criminalidade ou alguma forma de não cumprimento de regras sociais.

Essas cenas, nesses casos, não são utilizadas para possibilitar uma reflexão crítica, mas para atribuir à narrativa maior movimento e emoção, propiciando ao público adrenalina e sensações de prazer associada a sentimentos de justiça ou vingança, por exemplo. O prejuízo das obras desse cunho é a normalização da crueldade da degradação humana, que passa a ser vista com tanta frequência, especialmente nas mídias, que não choca, não mobiliza, não emociona, mesmo quando, distante do campo ficcional, ocorre na realidade.

Por isso, a importância de expor narrativas que, para além de mostrar cenas brutais, também mostram perspectivas diferentes, fazendo refletir sobre esses aspectos. No caso da narrativa de Luana Morena (2018), evidenciar os traumas por trás dos personagens e a perspectiva das vítimas é um recurso que possibilita uma formação de criticidade durante a leitura da obra. Não há somente vilões ou vítimas passivas, existem sujeitos que, de diferentes formas, têm sua dignidade humana ferida e buscam sobrevivência.

As formas literárias presentes nas narrativas da violência revelam como a noção de sujeito é abalada, o que compromete a formação de sentido. Firma-se a presença de narradores descentrados, fora dos círculos de ideologias dominantes, posicionando-se contra a exclusão social, política e econômica, como uma forma de “atribuição de voz a

Revista de Letras Norte@mentos

sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados” (GINZBURG, 2012, p. 200). Essa abordagem pode proporcionar ao leitor a percepção de outras faces da existência humana, revelando personagens que lutam para sobreviver e conviver com seus sofrimentos e traumas, ou, por outro lado, uma face da sociedade que é obscura, cruel e sádica, como vemos na narrativa de Luana Morena (2018).

Nesse cenário, uma figura importante que ganha espaço nas narrativas é o do justiceiro, que, diante de uma realidade desigual, decide vingar os excluídos e injustiçados. Exemplos de narrativas em que protagonistas desse tipo aparecem são *O matador*, de Patrícia Melo (2009), que narra a trajetória de Máique, que encontra no crime a única maneira de ascender socialmente, e o conhecido conto de Rubem Fonseca (1979), *O cobrador*, que trata da revolta de um bandido contra a classe dominante, passando a cobrar uma série de bens que faltaram em sua vida para uma condição digna.

É interessante observar que a sociedade que sofre com seus crimes é a mesma que molda suas condutas, seja pela falta de oportunidades de crescimento, pela criminalidade e pelas posturas preconceituosas e excludentes.

Análise da obra *A revolta dos feios*

Luana Morena é escritora, atriz, diretora e uma profissional do texto, formada em Letras (Português/Licenciatura) na UFMG. Em texto publicado no site Kickante, Morena (2017) revela que a publicação de sua primeira obra, *A revolta dos feios* (2018), é a realização de um projeto representativo para a história do Brasil, já que o país que mais mata transexuais no mundo tem a publicação de uma obra de uma escritora travesti. A autora conta ainda que a ideia surgiu após ler a notícia de um deputado brasileiro que propôs assistência social e financeira a pessoas que não tivessem beleza, alegando serem excluídas e segregadas de propostas de empregos e outros espaços. O projeto não foi aprovado, mas a ideia foi aproveitada pela escritora nesse romance.

A revolta dos feios (2018), publicado pela editora Buriti, narra uma série de momentos importantes de uma revolução fictícia, que é iniciada por Tião, um dançarino profissional e graduado que, ao participar de um concurso para fazer parte de um grupo de forró, encontra a rejeição em massa do público, que o considera horrendo e se vira de costas para não olhar sua apresentação. Ele passa a planejar uma guerra civil, utilizando

a *deepweb* e mais tarde o *youtube* para incitar todos os feios a se rebelarem contra a ditadura da beleza.

O texto é composto por capítulos curtos e possui três focos narrativos, um deles acompanha a revolta de Tião, outro expõe um documentário televisivo sobre a Revolta dos Feios, vinte anos após seu fim, com entrevistas de famosos, como a apresentadora travesti Sophia Hundred Miles Away, e anônimos que comentam sobre os fatos e as mudanças ocorridas no Brasil após o período. Um terceiro foco na narrativa acompanha a fuga e o esconderijo dos belos sobreviventes e o funcionamento do contrabando de bonecas sexuais. Nesse último, se conhece o vírus Bonder, descoberto pouco antes da revolta, que induz o funcionamento remoto do cadáver, que se mantém conservado por cerca de cinco anos. Isso possibilita o surgimento de predadores de pessoas bonitas que são caçadas e mortas para esse comércio de horrores. Esses diferentes focos na narrativa se misturam, em um discurso indireto livre, sem ordem cronológica, ora junto ao revolucionário traumatizado, ora acompanhando as vítimas da revolução, ou observando os passos dos perseguidores dos belos.

Além dos três focos narrativos, duas personagens se destacam: o primeiro, Tião, é considerado feio, sofre bullying e violências verbais; a segunda, Sophia, é uma transexual que enfrentou assédios, agressões e estupros para sobreviver. Para além dessas duas vozes, que surgem da margem para expor graves problemas e uma sociedade doente, a própria autora faz parte de uma minoria social, e sua obra pode ser considerada um movimento de resistência em um país com valores conservadores, heteronormativos, racistas e preconceituosos.

Os cortes no desenrolar da narrativa propiciam um tom acelerado e fragmentado ao romance, que exige do leitor atenção para perceber as mudanças de espaço e tempo. A narrativa, então, se constrói como um mosaico de estilhaços, e apenas ao fim da leitura, juntando todos os pedaços, o leitor perceberá a visão total sobre a revolução provocada pelos feios, por diferentes perspectivas. Esse recurso se assemelha muito a técnicas cinematográficas, em que cortes de câmera garantem velocidade e choque no decorrer das cenas, que se apagam para novos *flashes* surgirem. Tal abordagem é assinalada por Pereira (2009), que afirma que “o cinema caracteriza-se pelo simultaneísmo, tanto espacial quanto temporal, fazendo com que a estética

cinematográfica reside essencialmente na identificação e posterior emotividade do espectador em relação ao que lhe é projetado na tela” (2009, p. 67).

Esse jogo de imagens, na literatura, torna a narrativa pouco linear na medida em que deixa de acompanhar apenas a evolução de uma personagem para observar o todo. É um olhar desfocado e múltiplo sobre os acontecimentos, que se aproxima, em muitos aspectos, do sujeito contemporâneo, que convive diariamente com uma profusão de tecnologias e telas que o bombardeiam com narrativas, ficcionais e factuais.

Para além disso, a aproximação da construção literária com a audiovisual é própria da contemporaneidade justamente pela popularização do cinema e dos efeitos especiais no século XXI, especialmente nos filmes de ação, terror e ficção científica. O romance, então, se apropria dos recursos desse outro campo para garantir o tom dinâmico, que logo é captado pelo leitor. O primeiro parágrafo do romance ilustra isso ao apresentar a descrição de uma cena como um *thriller*, relatando as ações que se desenrolam em uma perseguição a uma bela mulher, que será levada como boneca:

Uma linda mulher numa linda mansão. Uma correndo com seu vestido curto, vermelho, justo e sandálias de saltos muito altos. Desesperada, ela encaminha-se para as escadas, indo para o terraço e gritando por socorro. Ela tira os saltos, os arremessa ao ar e sobe à galope, saltando degraus. Já no alto da subida, a bela cai de lado, no desequilíbrio das pernas, bate a cabeça na parede e desce a avalanche de gente. [...] Merda de boneca quebrada! [...] O homem abaixou-se, arrancou-lhe a calcinha com violência e electrocutou sua vagina. Ela estrebuchou com a corrente elétrica prolongada por quase um minuto e sobrou aquele olhar de pequena, fraca e infeliz criatura, que bateu o queixo algumas vezes, sentiu um calafrio e morreu (MORENA, 2018, p. 4).

Logo nesse trecho inicial é possível perceber o ritmo acelerado da obra, que trata de assuntos delicados como se fossem cenas comuns. A descrição e atenção aos detalhes visuais da cena (vestido, sandálias, cenário, ações) intensifica o tom cinematográfico da narrativa, as palavras se desenrolam através do leitor como as cenas de um filme. O estupro acontece de forma recorrente, e muitos personagens encontram na entrega de seus corpos uma forma de escapar de um destino pior que a morte, tornar-se boneca sexual. Assim, seduzem, fingem contentamento ou paixão para salvar suas vidas ou retardar as ações de seus algozes.

Nessa narrativa, que coloca em pauta uma discussão sobre a ditadura da beleza, culto ao corpo e ao belo, as pessoas encontram-se destituídas de sua humanidade, são

Revista de Letras Norte@mentos

tratadas como objetos, bonecas, animais. Caçadores com armas e flechas e cardápios sexuais para os ricos que podiam comprar os corpos são imagens evocadas em toda a narrativa. Um exemplo disso ocorre quando Sophia conta, em entrevista, que, após conseguir fugir dos sequestradores de bonecas, passa a viver escondida, se alimentando de restos e coisas que caça para si mesma, torna-se “feia” e descuida de sua aparência para não ser mais alvo de caça.

O auge de sua animalização acontece quando invade uma horta para comer tomates e é vista: “Corri, e foi esse reflexo que tirou a flecha das minhas costas e a alojou na minha coxa esquerda. Urrei de dor como um animal arredio faria, me arrastando, tentando fugir. Mas me laçaram e me puxaram. Eu era um boi.” (MORENA, 2018, p. 31). A personagem reconhece sua vulnerabilidade e as diferentes formas de barbárie a que é exposta retiram sua dignidade a ponto de reconhecer-se como um boi, um animal doméstico e subjogado pelos homens que a prendem.

A violência, nessa narrativa é extrema e as descrições de atrocidades são expostas com naturalidade, como uma situação cotidiana. A apresentadora, vítima e presa em cativeiro por um longo período, é quem revela, em narração em primeira pessoa, a realidade das pessoas bonitas que eram sequestradas:

O intervalo era só o burburinho por conta do caso de uma apresentadora muito querida, a famosa Júlia Lemos, que havia morrido sendo estuprada em sua cela, e que estava prometida para voltar boneca. Isso porque ela morreu no início, no terceiro macho, sobrecarregando ainda mais as outras... Muitos ficaram na ânsia de degustá-la, por isso decidimos embalsamá-la pelo modo moderno. Explicou o supervisor por telefone a Tião; que fez cara de reprovação do outro lado da linha, e que, sem se despedir, desligou o aparelho (MORENA, 2018, p. 18).

Nesse fragmento também fica clara a forma animalesca com que os sujeitos são tratados. Não há preocupação com a saúde dos presos, pois, se morrerem, também terão utilidade. Destaca-se, então, uma perspectiva crítica sobre um traço da sociedade contemporânea, o materialismo e o utilitarismo. O valor de um sujeito é definido pelo papel que pode desenvolver, sua utilidade na sociedade e o lucro que pode gerar para os grupos dominantes são condições para a garantia de uma condição mínima de sobrevivência.

Essas descrições explícitas, sombrias e chocantes denunciam a crueldade e o desrespeito pela condição humana na sociedade, uma abordagem que ficou conhecida

Revista de Letras Norte@mentos

através das narrativas de Rubem Fonseca. Sobre tal escrita, Pellegrini (2004) aponta para uma tendência definida como realismo feroz ou brutalismo, expondo que há a

construção de um novo mundo urbano como objeto ficcional, pois, representando uma realidade inaceitável do ponto de vista ético ou político, permitia, de alguma maneira, a reflexão sobre ela e a emergência mediada de vozes abafadas culturalmente. Tais vozes vão aflorar, em outro diapasão, e talvez com outras consequências, nas narrativas que aqui são o centro do nosso interesse. (PELLEGRINI, 2004, p. 20).

A obra de Morena (2018) apresenta características que remetem a essa definição de desprendimento de valores morais e éticos e de brutalidade. Os principais personagens da narrativa são sujeitos fragmentados e à margem e suas vozes destacam valores corrompidos e uma percepção deturpada de sua realidade, que é dominada pelos desejos de vingança, poder e tortura.

Se a brutalidade é um aspecto em destaque, na estética do texto, ela vai se intensificar pela linguagem direta, atingindo certa frieza na descrição de atos terríveis, como estupro coletivo, pedofilia e tortura, o que é possível perceber no fragmento do romance apresentado acima. O relato de cenas traumáticas adquire um tom quase prático, como no momento em que Sophia comenta que a companheira de prisão que morre sobrecarrega as outras, que precisam ser violadas por mais homens.

Outra personagem central da narrativa é Tião, o dançarino e líder da revolta. Sua trajetória inicia quando se inscreve para um concurso de dança do grupo Venxupá e, durante a apresentação, sofre o desprezo, o preconceito e a exclusão da maioria dos presentes, que logo fazem piada utilizando as *hashtags* #Nojentoodançarino e #vejaonojentovenxupa. Os jurados, pelo contrário, reconhecem seu talento e perfeição performática, mas competência não é o suficiente para conquistar a vitória em um país em que a beleza é supervalorizada.

Muitos consideraram um completo absurdo o resultado final com a derrota de um profissional competente como Tião, principalmente diante do preconceito que o candidato sofreu por parte da plateia do programa. Outros, por outro lado, defendiam o placar. Diziam que o público-alvo de uma banda de eletro forró não está lá preocupado com a escolaridade ou capacidade ou poeticidade dos dançarinos, querem um colírio para os olhos. E, afinal, eles não refletem a maioria da população brasileira?! (MORENA, 2018, p. 24-25).

Essa divisão de opiniões, a oposição entre talento e padrão estético, permanece em discussão na cultura brasileira, em que a beleza é veiculada pelas mídias, revistas, anúncios como uma garantia de conquistas, sucesso e valorização. Tião, por não corresponder ao ideal de beleza do público, é desprezado e sofre bullying, exposto a atrocidades verbais que são transformadoras. Sua popularização, mesmo que negativa, é utilizada para dar início à Revolta, que encontra muitos seguidores insatisfeitos com o alto padrão estético estabelecido na sociedade.

A resposta às violências sofridas pelo dançarino é o uso de mais brutalidade, agora direcionada aos belos, que passam a temer e, conseqüentemente, a disfarçar sua aparência. Tião incita seus seguidores a raspar os cabelos das pessoas, quebrar suas maquiagens e tratá-los com desprezo, assim como ele foi tratado. Nesse contexto, as empresas de contrabando de bonecas encontram o cenário perfeito, utilizando a perseguição para alavancar seus negócios. Isso marca a perspectiva de uma sociedade interessada no lucro acima do bem estar, com organizações que encontram nas crises maneiras antiéticas de crescer.

O hibridismo e a relação com o gênero jornalístico aparecem constantemente, já que uma parte da narrativa se trata do documentário “Especial 20 anos da Revolta dos Feios” e outros programas que parecem se passar como se o leitor acompanhasse um canal televisivo. Esses recursos se entrelaçam à narrativa, ora auxiliando na compreensão dos acontecimentos, ora ironizando-os. Propaganda de cosméticos (passados vinte anos, os velhos padrões voltam a se consolidar), entrevistas (fala seguida de nome, idade e ocupação), notícias em telejornal e trailer de filme são exemplos. Neste último, que é exposto a seguir, as falas dos personagens, voz do apresentador e descrição do cenário e das ações se misturam:

Veja agora o trailer do filme O inferno de Isabelle, baseado na experiência real da família Castilho e Vilela na cratera da Pampulha. Eles fugiam da Revolta dos Feios por causa da bela filha Isabelle. Você não vai a lugar nenhum sozinha, minha filha! Não contavam com uma surpresa no caminho... Alguém me ajuda, eu estou caindo! Vamos fazer uma corrente humana. E escorregaram todos para a garganta da cratera. Por câmera noturna, vemos a família se movimentar no ambiente sempre escuro. O filho mais novo tropeça e cai, rolando sem fim. Noutra cena, marido e mulher caminham segurando tochas. É mentira, Fernando! É mentira! Aquelas meninas estão é mortas! E sim, eu vi eles abusando delas! Dois tigres albinos

farejam tentando encontrar a família, mergulhada num lago de esgoto. Um barulho grotesco. Isabelle, é você?! (MORENA, 2018, p. 110).

A presença de elementos que remetem às mídias digitais, ferramentas tecnológicas e recursos audiovisuais exploram um contexto próximo ao leitor, que também utiliza essas tecnologias diariamente. Além disso, é possível reconhecer uma sociedade volátil e de fácil manipulação, que encontra em um sujeito com ideias radicais e que beiram o absurdo uma figura de herói, que utiliza as redes sociais para incitar a revolta e buscar apoio. Assim, ao leitor cabe um processo reflexivo sobre a manipulação das massas, as diferentes formas de brutalidade que ainda existem no Brasil e as consequências de traumas e vulnerabilidades (nessa obra levadas ao extremo).

Outras reflexões e focos de análise são possíveis nessa obra densa, com muitas referências e forte sátira ao Brasil, mas buscamos aqui analisar a narrativa através do viés da literatura contemporânea e das narrativas da violência. Essa ficção, que não se distancia do nosso contexto temporalmente e incita importantes questionamentos sobre o culto à beleza, bullying, perversidade humana e individualismo, males que ainda acometem a sociedade brasileira.

Considerações finais

Como salienta Ginzburg (1999), a violência se configura como um elemento constitutivo da cultura do Brasil, já que a história do país é carregada de situações de brutalidade, marcas de uma “experiência crua do passado violento e autoritário” (1999, p. 134). As feridas desses processos permanecem na contemporaneidade e é importante direcionar o olhar para tal realidade, inclusive através da literatura. Assim, na contemporaneidade, o brutalismo e a literatura se entrelaçam em muitas obras, destacando uma nação que se apresenta fragmentada e individualista, que contribui para a formação de uma massa humana em constante transformação, ora submissa, servil e manipulável, ora revoltada, sádica e preconceituosa.

O sujeito do século XXI vive experiências de difícil apreensão e significação, e a literatura é um caminho encontrado pelos escritores para dar sentido a essa era multifacetada. Em *A Revolta dos Feios* (2018), é possível perceber tais aspectos através de uma narração pungente, com cortes e referências do mundo contemporâneo, o que

expõe a brutalidade de uma sociedade em meio a uma revolução que convive com o medo, a dor, a raiva e o trauma. Luana Morena também atribui voz a vários silenciados, evidenciando a perspectiva de sujeitos que estão à margem do sistema social, pela sua aparência ou identidade de gênero, trazendo à tona importantes questões culturais.

A construção estética da obra também se revela conflituosa, com discursos que se sobrepõem e cortes, em uma narrativa ágil. É o que ocorre no romance analisado, que a partir do discurso indireto livre, da presença de hibridismos e das referências à narrativa cinematográfica e jornalística, constrói um discurso provocativo e urgente, que prende e impacta o leitor, que não sai ileso.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1985.

FONSECA, Rubem. *O cobrador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. *Letras*, Santa Maria, n. 18/19, p. 121-144, jan./dez., 1999.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. *Tintas: Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane*, Milão, n. 2, p. 199-221, 2012.

LEENHARDT, Jacques. O que se pode dizer da violência? In: LINS, Ronaldo Lima (org.). *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MELO, Patrícia. *O matador*. São Paulo: Rocco, 2009.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Tradução de L. Garcia. São Paulo: Editora ática, 1989.

MORENA, Luana. *A revolta dos feios*. Paracatu: Buriti Editora, 2018.

MORENA, Luana. Romance épico A Revolta dos Feios. *Kickante*, 2017. Disponível em: < <https://www.kickante.com.br/campanhas/romance-epico-revolta-dos-feios-0> >. Acesso em: 02 fev. 2021.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 24, p. 15-34, jul./dez., 2004.

PEREIRA, Olga Arantes. Cinema e Literatura: dois sistemas semióticos distintos. *Kaliopé*, São Paulo, ano 5, n. 10, p. 42-69, ago./dez., 2009.

Revista de Letras Norte@mentos

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Cenas do Crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

Recebido em 24/01/2023

Aprovado em 15/05/2023